

## **O PAPEL DAS MULHERES LOUCEIRAS DA COMUNIDADE CHÃ DA PIA – AREIA (PB), NA PRODUÇÃO ARTESANAL DA LOUÇA DE BARRO**

EL PAPEL DE LAS LOCAS DE LA COMUNIDAD CHÃ DA PIA – AREIA (PB), EN LA PRODUCCIÓN ARTESANAL DE LA ARTESANÍA

THE ROLE OF CRAZY WOMEN FROM THE COMMUNITY CHÃ DA PIA – AREIA (PB), IN THE HANDMADE PRODUCTION OF CRAFTSMANSHIP

### **BARROS, LAÍS DA SILVA**

Bacharel e Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB; Mestre em Ensino de Ciências pela UEPB, e Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Engenharia e Recursos Naturais pela Universidade Federal da Paraíba – UFCG.  
E-mail: [lais.sbarros21@gmail.com](mailto:lais.sbarros21@gmail.com)

### **DIAS, MÁRCIA ADELINO DA SILVA**

Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Potiguar - UnP, Mestre em Biologia Celular e Molecular pela UFRN, Doutora em Educação pela UFRN, Professora Associada C na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/Campus I, professora do quadro permanente do Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática – PPGCEM/UEPB. Coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade e da Vida – GRECOMVIDA/UEPB.  
E-mail: [marcia@servidor.uepb.edu.br](mailto:marcia@servidor.uepb.edu.br)

### **MARTINS, JORGE JACÓ ALVES**

Doutor em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG; Professor Substituto do Programa de graduação em Engenharia de Alimentos da UFCG.  
E-mail: [jaco-m@hotmail.com](mailto:jaco-m@hotmail.com)

#### **RESUMO**

As louceiras são mulheres de conhecimento único no que desrespeita a louça de barro, construídos com relação entre liberdade, determinismo. Mulheres de garra, que sujam todas as suas gerações de lama, deixando suas memórias vivas a cada geração. Assim, podemos considerar que a arte do fazer das louceiras fornece o conhecimento de uma realidade interpretada pela sensibilidade dessas artistas e que não possuem respaldo científico. Nesta pesquisa enfatizamos o papel das louceiras da comunidade Chã da Pia – Areia (PB), na produção artesanal da louça de barro. Nesse ofício, as louceiras materializa técnica de moldura do barro, cujo aspecto proeminente está assentado na modelagem manual, queima a céu aberto e aplicação de tintura com a pedra de “toá”. Assim, o objetivo geral da pesquisa foi a análise da cultural da louça de barro artesanal e os desafios da mulher na preservação deste ofício na comunidade Chã da Pia – Areia (PB - Brasil). Foi desenvolvido um estudo de caso sobre os valores e significados atribuídos a ele ao longo das esferas de produção, circulação e consumo. A análise dos dados foi realizada por meio da utilização de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011). Concluímos que embora as louceiras tenham conhecimentos que vão além do saber acadêmico, e com a aquisição do conhecimento, dado pelo saber acumulado através das gerações, a cultura da produção da louça de barro pode ser aniquilada com o processo da globalização.

PALAVRAS-CHAVE: Louça de barro; mulheres; produção artesanal; cultura artesã.

#### **RESUMEN**

Las alfareras son mujeres de saberes únicos, en respecto a la loza que producen, con sus manos, una relación entre libertad y determinismo. Son Mujeres fuertes que consiguen enseñar, con barro, todas sus generaciones, dejando viva su memoria en cada generación. Así, podemos considerar que el arte de la alfarería proporciona el conocimiento de una realidad interpretada por la sensibilidad de estos artistas y que no cuentan con sustento científico. En esta investigación, destacamos el papel de los fabricantes de loza de barro de la comunidad Chã da Pia – Areia (PB), en su producción artesanal. En este oficio, la alfarería materializa la técnica del enmarcado en barro, cuyo aspecto destacado se basea en el modelado manual, la queima al aire libre y la aplicación de tintura con la piedra “toá”. Así, el objetivo general de la investigación fue el análisis de la cultura de la loza artesanal y los desafíos de las mujeres en la preservación de este oficio en la comunidad Chã da Pia - Areia (PB - Brasil). Se desarrolló un estudio de caso sobre los valores y significados que se le atribuyen a lo largo de las esferas de producción, circulación y consumo. El análisis de datos se realizó mediante análisis de contenido, propuesto por Bardin (2011). Concluimos que si bien los alfareros tienen un conocimiento que va más allá

del conocimiento académico, y con la adquisición del conocimiento, dado por el conocimiento acumulado a través de generaciones, la cultura de la producción de loza puede ser aniquilada con el proceso de globalización.

PALABRAS CLAVES: Loza; mujer; producción artesanal; cultura artesanal.

**ABSTRACT**

The pottery makers are women of unique knowledge in terms of disrespecting earthenware, built with a relationship between freedom and determinism. Clay women, who dirty all their generations with mud, leaving their memories alive in each generation. Thus, we can consider that the art of pottery making provides knowledge of a reality interpreted by the sensitivity of these artists and that do not have scientific support. In this research, we emphasize the role of the chinaware makers from the community Chã da Pia – Areia (PB), in the artisanal production of earthenware. In this craft, the pottery materializes the clay framing technique, whose prominent aspect is based on manual modeling, open-air burning and application of tincture with the “toá” stone. Thus, the general objective of the research was the analysis of the culture of handmade earthenware and the challenges of women in the preservation of this craft in the community Chã da Pia - Areia (PB - Brazil). A case study was developed on the values and meanings attributed to it throughout the spheres of production, circulation and consumption. Data analysis was performed using content analysis, proposed by Bardin (2011). We conclude that although the pottery makers have knowledge that goes beyond academic knowledge, and with the acquisition of knowledge, given by the knowledge accumulated through generations, the culture of the production of earthenware dishes can be annihilated with the process of globalization.

KEYWORDS: Earthenware; women; craft production; artisan culture.



## 1. INTRODUÇÃO

Ainda hoje se costuma usar a palavra cultura para designar o desenvolvimento da pessoa humana por meio da educação e da instrução. Disso vêm os termos culto e inculto, usados no jargão popular com uma carga de preconceito e de discriminação, considerando uma cultura (especialmente a letrada) superior às outras. Porém, não existem grupos humanos sem cultura e não existe um só indivíduo que não seja portador de cultura. A cultura, pois, é um termo vasto e complexo, englobando vários aspectos da vida dos grupos humanos. Não existe ainda um consenso entre antropólogos acerca do que seja a cultura. Afirma-se que existem mais de 160 definições de cultura (MARCONI; PRESOTTO, 2006).

Tylor foi o primeiro a formular um conceito de cultura. Para ele a cultura é aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade. Poderíamos então afirmar que cultura é a forma ou o jeito comum de viver a vida cotidiana na sua totalidade por parte de um grupo humano.

Logo, Segundo Morigi et al. (2018) a transmissão de uma tradição cultural, através da memória, possibilita a produção dos sentidos que são compartilhados, como um processo ativo e dinâmico, fruto das relações de poderes já instituídas que constrói aquilo que reconhecemos como parte da cultura humana, sendo estas festas, comidas, produção artesanal dentre outros aspectos.

A cultura tem diversos conceitos e entendimentos, mas para as louceiras, a cultura está relacionada com o conhecimento construído a partir da oralidade. Melo e Souza (2016), destaca que a cultura artesanal acompanha o processo histórico desde os primórdios da história humana, em que o homem vem realizando alterações na paisagem para que ela venha a lhe proporcionar mais conforto, segurança, ou seja, realizando ajustes em seus elementos, criando técnicas, e utensílios que atendam às suas necessidades diárias, técnicas essas que se tornaram tradições em comunidades e povos, passando de geração a geração.

Levando em conta o fato de que o barro pode ser usado para diversos fins e aproveitando a grande abundância do barro em algumas cidades, mulheres da comunidade Chã da Pia fizeram e faz cultura com ele. A cultura artesanal de artefatos de barro sempre esteve presente desde em diversos país e estados.

A construção do artefato de barro faz parte da memória individual, e marcam a memória coletiva das louceiras, tornando ainda mais forte a construção da identidade dessas mulheres. Muitas das artes feitas pelas mãos são transmitidas, preferencialmente e principalmente entre as mulheres. E boa parte das mulheres aprendeu o ofício ainda criança, vendo seus familiares mais velhos fazendo, e fazendo junto com eles.

Muitas dessas práticas são transmitidas para as meninas de mãe para filha, de avó para neta, de tia para sobrinha ou de irmã mais velha, para a irmã mais nova, da qual é um conhecimento familiar e comunitário. As mulheres envolvidas no artesanato de barro não se concentram, portanto, em uma determinada faixa etária, ao contrário, são tanto jovens, como maduras e idosas, circunscrevendo um ciclo dinâmico de aprendizagem, participação e inovação (GALIZONI et. al., 2013).

É fundamental reconhecer a cultura em sua forma mais ampla, multifacetada e insubstituível, porque é essa riqueza de traços que faz dela o centro do desenvolvimento econômico de um local, a cultura não só gera riqueza, como faz isso através da construção da autoestima, da coesão social, da construção da identidade dessa sociedade. A cultura da utilização do barro, traz consigo a identidade de um povo/comunidade, traz traços fortes de cada história vivida, que são repassadas de geração para geração, como práticas artesanais.

O resgate cultural, a preservação de saberes, tradições, tecnologias, histórias e da arte de cada povo são pontos de partida na busca da cidadania e na conquista dos direitos humanos. Nesse contexto, o artesanato – além de ser uma expressão de uma cultura e de um povo - tem considerável participação na economia de comunidades do país, quer sejam elas litorâneas, quer sejam elas interioranas, o que possibilita a geração de trabalho e de renda.

As visitas iniciais a Comunidade Chã da Pia – PB, ocorreram no 1º semestre de 2017 e prosseguem, até os dias atuais, 2023, com outras pesquisas e pesquisadores. Nesse período realizamos as primeiras entrevistas, observações sobre o cotidiano do trabalho e do lar, além de conversas com as louceiras, seus familiares e outros moradores do lugar, que



resultaram em uma dissertação de mestrado em 2018. Realizamos uma discussão ainda incipiente sobre a transmissão do saber artesanal, a organização familiar e a produção da louça, utilizando a oralidade como principal fonte.

Acreditamos que estas discussões, sujas de barro, tomarão sentido na sua compreensão, seja esta qual for. Pois a nos sujar de barro, pisando em uma comunidade cheia de conhecimentos, início esse trabalho fugindo da introdução das noções teóricas, paradigmática, que exige todo trabalho acadêmico. E esta pesquisa traz essa potencialidade, pois ele nasce do barro, da cultura que traz sentidos e implicações para a teoria.

## 2 LOUÇA DE BARRO

A produção de artefatos de barro é uma prática bastante antiga, destacada por estudos arqueológicos, que contam a história de diversas culturas. De acordo com Santos e Silva (2012), a arqueologia trata da cultura material constituída por artefatos criados pelo homem em especial no passado, que vão desde ferramentas, utensílios, objetos decorativos, entre outros.

Estes artefatos são resultados de formas específicas e de determinadas organizações de grupo humanos e como vetores de relações sócias, proporcionando condições para que estas se produzam e efetivem, a mostra de elementos materiais relacionada. As histórias dos artefatos cerâmicos, são destaque em diversas pesquisas, quando tratam de cultura. Schaan (2007) destaca em um dos seus trabalhos, realizado na ilha de Marajó (Foz do rio Amazonas), que durante os primeiros 1.500 anos em que foi habitada, registros arqueológicos indicaram a existência de pequenas vilas, que nelas existiam povos que utilizavam principalmente a cerâmica.

Os artefatos cerâmicos sempre estiveram presentes em diversas culturas, não só no Brasil, como em outros países. De acordo com Pileggi (1958) na Europa, o crescimento cultural e histórico do povo europeu, deu-se a partir da cerâmica. Mas, foi em Portugal que a cerâmica apresentou um salto de influências para outras culturas. Valle, Dazzi e Portella (2014), destacam que nos séculos XVI, XVII e XVIII, a cerâmica portuguesa desenvolveu-se e, assim como a espanhola, recebeu influência significativa dos árabes.

Esta herança trazida de Portugal no início da colonização no Brasil, demonstra a influência lusitana nos nossos costumes e na nossa arquitetura, que inicialmente não passava de um simples produto de importação. Depois de algum tempo, este material tornou-se indispensável na decoração da nossa arquitetura, que garantia uma proteção eficaz contra as intempéries de um país tropical, como a abundância de chuva e a ação do sol (AMARAL, 2010).

No Brasil a azulejaria teve início em 1549, trazida por Tomé de Souza, com ele vieram os primeiros obreiros para um planejamento civilizador, que tinham como objetivo de organizar as cidades e vilarejos. No Nordeste Brasileiro, a azulejaria marcou a arquitetura dos municípios dessa região, principalmente na Bahia, no Recife. Alguns exemplos mais significativos são os azulejos da Capela Dourada no Recife (PE), assinados por Antônio Pereira; os da igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Cachoeira (BA) e no Convento de São Francisco (BA) (AMARAL, 2010).

Com a produção de artefatos, houve um aumento de sua utilização em vários países e por pessoas de diferentes tipos financeiros, essa arte não se prendeu apenas nos azulejos, mas se desenvolveu muito, desde produções de porcelana mais delicada para a confecção de xícaras ou a cerâmica rústica, utensílios domésticos e construções civis, uma miríade de produtos foram produzidos durante milênios a partir da queima de misturas de diferentes tipos de barro, juntamente com diversas cores.

A cultura artesanal de artefatos de barro é bastante presente em diversos Estados do Nordeste, Dantas (2015) destaca que Alagoas é rica em artesanato de raiz, aquele que se refere ao forte vínculo com a comunidade onde vive o artesão e aquele que exerce mais influência em seu meio do que as forças comerciais e culturais externas.

A produção artesanal por muito tempo perdura a sociedade, é bem verdade que a produção derivada do barro, já teve uma maior relevância econômica e social para o meio no qual ela é produzida. Está produção é uma prática cultural multifacetada e insubstituível, uma riqueza de traços que faz dela o centro do desenvolvimento econômico de um local e uma construção da identidade da comunidade.

De acordo com Santos (2006) a cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Porém pode-se falar que cultura é para se referir unicamente às manifestações artísticas (teatro, a música, a pintura, a escultura). E em outras épocas a cultura era identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema a televisão.



Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida a seu idioma.

A cultura tem diversos conceitos e entendimentos, de acordo com os autores já mencionados, mas para as louceiras a cultura está relacionada com o conhecimento intergeracionalmente construído a partir da oralidade. E esta prática cultural além de ser um trabalho de subsistência é ao mesmo tempo de preservação ambiental, pois elas utilizam o bairro sem afetar o meio ambiente. As louceiras da comunidade Chã da Pia, são mulheres da tradição, guardiãs do conhecimento intergeracionalmente construído. Com diferentes definições sobre o que é cultura, podemos concluir que cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou de grupos no interior de uma sociedade/comunidade.

O que também está ligada à cultura do barro e a importância da cerâmica para além da estética europeia é a culinária. A arte do barro está estreitamente ligada a forma de como nos alimentamos e produzimos alimentos, pois eram em panelas de barro que os alimentos eram preparados antigamente, advindos de uma forte cultura de um povo. A cultura de utilização do barro se expandiu e tornou a atividade conhecida em todos os lugares, e isto tornou os produtos acessíveis a toda população que tinha interesse (BARROS, 2018).

A utilização de instrumentos e a técnica utilizada para a produção das panelas de barro asseguram uma demarcação reconhecida socialmente, mantendo a “autenticidade”, de cada comunidade que faz esse tipo de atividade (Figura 1). E isso o que podemos presenciar e notar algumas peculiaridades entre um grupo de mulheres da comunidade Chã da Pia. Muito embora a produção de louça na Chã da Pia possua valor cultural devido às técnicas tradicionais de produção assimiladas de uma herança cultural, o que torna essa peça única, não se limita às especificidades de sua produção, mas diz respeito à sua carga simbólica (BARROS, 2018).

**Figura 1:** panelas de barro, marcando a autenticidade da comunidade



Fonte: Autores, 2020.

Existe uma curiosidade acerca do manuseio e feitura da cerâmica em toda a América: o fato de ser esta uma atividade especialmente feita por mulheres. Segundo Lévi-Strauss somente em algumas poucas comunidades tribais, a cerâmica era feita por homens. Ao descrever um mito dos Hidatsa, índios do alto do Missouri, de língua soix, o autor mostra como o ato de fazer a cerâmica era uma ocupação sagrada, misteriosa e ligada ao universo feminino (ALMEIDA, 2010).

Apenas as mulheres que haviam herdado o direito de poder praticá-la através de outras mulheres, suas próprias ancestrais, até que se chegasse à ancestralidade mais longínqua que teria recebido das Serpentes esse direito, já que o mito dizia que unicamente as Serpentes podiam fazer cerâmica (ALMEIDA, 2010).

No caso da produção da louça de barro pela comunidade Chã da Pia, a mensagem está focada em repassar a tradição e o saber fazer de pessoas simples em contexto de luta e identidade social que são apaixonadas pela produção de louças de barro (figura 2), seu feitura sendo uma ocupação sagrada ou não, é realizada apenas por mulheres. Ela simboliza a cultura e os valores, mesmo diante de inúmeras dificuldades, sentem orgulho de sua arte.

**Figura 2:** Louceiras reunidas para exposição das louças



Fonte: Autores, 2020.

Em toda a comunidade, desenvolvem-se produções bem distintas, cada qual com estilo e técnica próprias: os sistemas de cozimento e de esmaltar, a composição dos vernizes, tudo era repassado de geração para geração.

Segundo Pereira (1957, p. 68), "[...] no Brasil, quando a mulher exerce a cerâmica, confeccionando as peças, ela é exclusivamente 'paneleira' ou modeladora — mercê da tradição indígena — e jamais havemos de encontrá-la entregue ao trabalho do torno, masculino por excelência. [...]". Atestam a afirmação deste escritor, as peças produzidas pelas louceiras de Chã da Pia como os potes, moringas, painelas e cachipôs, cuja tipologia, formato e decoração das peças remetem à herança indígena.

Nos dias atuais, após observar os trabalhos das louceiras na comunidade, Dona Corminha, louceira antiga da comunidade (figura 3), seu trabalho em cerâmica de forma associada teria começado no bairro há anos, quando a sua mãe ensinou o ofício do barro para as filhas, e que já trabalhava com o barro observando sua avó.

Através de seu depoimento durante a confecção da peça verificou-se que o trabalho é todo ele feito à mão, e que as peças são erguidas do zero a partir de um bolo de barro aberto em forma arredondada que serve de base sobre a qual a louceira vai levantando o bojo do pote no chão da própria casa, processo todo feito, portanto sem o uso do torno.

**Figura 3:** Dona Corminha, louceira da comunidade, exibindo uma das suas artes.



Fonte: Autores, 2020.

Utiliza-se da técnica das "cobrinhas" ou "corda" também conhecida na região como "tirada" ou mais corretamente "acordelado", pois superpõe roletes de pasta em sentido circular para construir as paredes do vaso. As cobrinhas ou

roletes são obtidos rolando-se a argila com as mãos no chão a partir de movimentos dos dedos das duas mãos em que a argila é movimentada contínua e suavemente do centro para as pontas.

À medida que levanta as peças em movimentos giratórios no sentido horário, a artesã vai abrindo o bojo do pote até chegar à altura compreendida entre a metade da peça quando se espera um período de secagem para que se finalize com a parte de cima. A louceira produz vários potes por dia deixando o “brunimento” e os arremates decorativos para o outro dia. As peças menores são feitas em número de vinte por dia.

O domínio das técnicas e a experiência de vida não garantem a elas, o sucesso na hora de retirar o objeto do forno, já que ele pode ter se quebrado durante a queima. Tal como ele, o pesquisador, apesar de estar embasado academicamente por teorias e metodologias, sempre encontra desafios e situações inesperadas no campo.

## 2.1 MULHERES NA PRODUÇÃO DA LOUÇA DE BARRO

Se pararmos para observarmos a natureza, podemos perceber que o barro já era utilizado para fazer moradias, a milhares de anos, de uma forma arquitetônica e deslumbrante, utilizado até mesmo pelo pássaro “João de Barro” (*Furnarius rufus*), que segundo Santiago (2006) “João de Barro” também é conhecido como barreiro, João-barreiro (Rio Grande do Sul), Maria-barreira (Bahia), forneiro, pedreiro, oleiro, hornero (Argentina) e amassa-barro. É conhecido por seu característico ninho de barro em forma de forno e na direção contrária à da chuva.

Como “arquitetos naturais”, o João de barro inspirou o homem a utilizar o barro para fazer moradia, e com o tempo passou a fabricar utensílios doméstico. Como matéria prima das construções milenares, a argila tem sido útil a humanidade desde os primórdios da civilização.

O homem descobriu ao longo do processo civilizatório, que o solo argiloso pode ser usado, tanto para cultivo de plantas, quanto como matéria-prima para fabricação de cerâmicas. Esses artefatos cerâmicos remontam ao Antigo Egito, Grécia, Império Romano, China, Idade Média e ao período Renascentista e variam, desde a mais delicada xícara, até a produção rústica de telhas, a partir da queima de diferentes tipos de barros (MARTIN, 1999).

A produção artesanal por muito tempo perdura a sociedade, é bem verdade que a produção derivada do barro, já teve uma maior relevância econômica e social para o meio no qual ela é produzida, pois a utilização não somente da panela de barro, mas como também de seus demais utensílios oriundos do barro, como copos, xícaras dentre outros foram utilizados como ferramentas primordiais para o uso diário em tempos passados.

A tradição utilitária da panela de barro que não foi perdida está associada à culinária, voltada em grande parte para o preparo de comidas típicas da região, utilizadas principalmente por grandes restaurantes das cidades circunvizinhas. Portanto, há nesta comunidade uma tradição de transformar o barro em objetos, louças, pensada aqui como um conjunto de práticas sociais, saberes e fazeres, compartilhados e reproduzidos ao longo da história desse local e dessas famílias artesãs. O aprendizado da produção artesanal não é obtido na escola, mas no próprio convívio com esse universo da criação, da experimentação, da arte.

A profissão de Artesão é oficialmente reconhecida no Brasil pela Lei nº 13.180/2015 e defende, dentre suas diretrizes, a qualificação permanente e o estímulo ao aperfeiçoamento dos métodos e processos de produção, o apoio comercial, a certificação da qualidade do artesanato, agregação de valor aos produtos e suas técnicas artesanais e a divulgação do artesanato (BRASIL, 2015), dentre outras não menos relevantes.

O tradicional, nessa realidade globalizada, torna-se uma espécie de referência, uma ligação entre o que se vive no presente e o que foi vivido no passado. É uma recordação da história, é o que permite sua delimitação e seu contexto, assim, não é totalmente perdido. E assim conseguimos observar na pequena comunidade de Chã da Pia a tradição reinventada, mas com a herança do velho. Com esta nova configuração, novos rumos foram sendo seguidos aproximando-se ao que existe nos dias atuais.

Ao decorrer desse processo histórico da cultura em fazer artefatos de barro, é notável que não ocorreu nenhuma alteração significativa nos instrumentos utilizados (figura 4), para fazer, por exemplo a panela, que se utiliza o barro apropriado, a pedra para o “alisamento” das panelas, a cuia (utilizada no acabamento das peças), a tintura e o forno a lenha (figura 5). Também não sofreu alteração significativa, o modo de preparação da louça, sendo algo totalmente artesanal sem instrumentos industrializados.



**Figura 4:** Instrumentos utilizados pelas louceiras para fazer a arte de barro.



Fonte: Autores, 2020.

**Figura 5:** Forno a lenha, utilizado para a queima das louças.



Fonte: Autores, 2018.

A utilização desses instrumentos e a técnica utilizada para a produção das panelas de barro asseguram uma demarcação reconhecida socialmente, mantendo a “autenticidade”, de cada comunidade que faz esse tipo de atividade. Percebemos, portanto, que existe um limite cultural que se mantém, mesmo diante dos fluxos presentes. E é isso o que podemos presenciar e notar algumas peculiaridades entre um grupo de mulheres da comunidade Chã da Pia (Areia-PB, Brasil).

Muito embora a produção de louça na Chã da Pia possua valor cultural devido às técnicas tradicionais de produção assimiladas de uma herança cultural, o que torna essa peça única, não se limita às especificidades de sua produção, mas diz respeito à sua carga simbólica.

A atividade de produção de louça reforça na população da comunidade um sentimento de identidade quando encontra correspondência no mito de origem da mesma. Foram esses saberes culturais e/ou populares que contribuíram para a construção das louças na comunidade. Os saberes populares, por sua vez, são aqueles que as pessoas possuem acumulados durante sua vida e servem para explicar e compreender aquilo que as cerca.

Lakatos e Marconi (2003) definem o saber popular como aquele “transmitido de geração em geração por meio da educação informal e baseado em imitação e experiência pessoal” (p.75). Conforme discute Bastos (2013):

As diferentes populações humanas apresentam um arsenal de conhecimentos sobre o ambiente que as cerca. Propriedades terapêuticas e medicinais de animais e plantas, a percepção dos fenômenos naturais, como as estações do ano, tempo para plantar e colher, classificação de animais e plantas, organização de calendários, dicionários, sazonalidade de animais e sua relação com aspectos da natureza são organizações que formam um cabedal de saberes que comumente são chamados de conhecimentos tradicionais. (BASTOS, 2013, p. 195).

A partir dos conhecimentos tradicionais e a produção de louças de barro na comunidade Chã da Pia, mostrou-se fundamental como identidade com o local, identificação com a arte. Que segundo Castells (1942) a construção de identidades é: Valer-se de matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. (CASTELLS, 1946, p. 23).

Esses conhecimentos não possuem o mesmo rigor e nem sempre trazem a pretendida veracidade de um conhecimento científico, mas carregam enorme riqueza cultural e de experiência de vida. Associados a conhecimentos adquiridos em anos de trabalho e de vida, e sendo parte da cultura do indivíduo e de um grupo social.

Ensejamos que é no ritmo da produção familiar, do convívio diário, na imitação dos gestos da mãe que as crianças são socializadas no “mundo do barro” e o repasse da tradição vai acontecendo, pouco a pouco, de forma naturalizada e “sujando” a vida e a memória com o barro. Uma louceira não se faz rapidamente, demora anos e anos. O fazer é apreendido por partes, ensinadas por referenciais, por um(a) professor(a) da vida, que pode ser a vó, a mãe, a irmã mais velhas ou qualquer outra pessoa da família que se torna responsável pelo treinamento e aperfeiçoamento de uma aprendiz.

Nem tampouco, a tradição vinculada a uma concepção de alfabetização segundo a qual, a aprendizagem inicial da leitura e da escrita como o foco de fazer o aluno chegar ao reconhecimento das palavras garantindo-lhe o domínio das correspondências fonográficas, tornou-se pequeno diante o saber da tradição das louceiras. Segundo Diogo e Gorette (2011), ao analisarmos dialeticamente a evolução humana, fica explícito que o homem antes mesmo de aprender a escrita, ele aprendeu sobre o mundo a sua volta fazendo leituras críticas desse imenso mundo. Não podemos afirmar que uma pessoa é iletrada, pois ela desde o princípio da vida reflete sobre as coisas.

Segundo Morigi et al. (2012) a transmissão de uma tradição cultural, através da memória, possibilita a produção dos sentidos que são compartilhados, como um processo ativo e dinâmico, fruto das relações de poderes já instituídas que constrói aquilo que reconhecemos como parte da cultura humana, sendo estas festas, comidas, produção artesanal dentre outros aspectos.

Entretanto a representação das culturas nem sempre são perpetuadas entre os povos, as gerações vão evoluindo e com isso o modo de produzir e ou de cultuar se modificam significativamente, sendo que os valores culturais e da tradição ocorre através da memória social dos grupos que compartilham um mesmo tempo e um mesmo espaço geográfico, assim uma vez que esse tempo e esse espaço são modificados os agentes culturais se modificam (MORIGI et al., 2012).

Mas a identidade da louceira permanece, mesmo com as modificações do tempo. Ser louceira para as mulheres da comunidade Chã da Pia é escrever o poema com as mãos, dando forma as louças pelo calor das mãos e pelo amor de toda uma cultura enraizada na comunidade (figura 6), transformando o barro bruto em peças elaboradas, aprendidas a partir dos saberes da tradição. É elaborar um trabalho poeticamente com as mãos, com competências, adquirindo admiração daqueles que ver o trabalho artístico em cada peça. Ser louceira transformou-se em uma profissão, uma artista a desenvolver uma atividade há séculos de um mesmo modo, fazem a louça de barro, mantendo uma tradição da cultura local, executando seu ofício nos quintais e/ou no galpão de suas residências. Que segundo Alves (2004), louceira propriamente dito, é aquela que modela ou “arma” as peças.



**Figura 6:** Placa mostrando que a cultura é realizada por amor

Fonte: Autores, 2020.

O artesanato é todo feito em casa, conciliado com os afazeres domésticos e aliado às funções de mãe, esposa e dona de casa, obedecendo a um ritmo próprio, conforme mencionado. Por isso as atribuições advindas desses outros papéis sociais preenchem consideravelmente o cotidiano das louceiras e as “obriga” a dar conta de outras tarefas, paralelas ao universo do barro.

Mas a arte se transforma em poema com a mão, que é áspera e tem a pele grossa de tanto mexer com o barro, a louceira vai modelando aquela matéria que até então era disforme. Aos poucos, ela vai girando a tábua, com a mão esquerda, enquanto a direita vai “levantando” o barro; assim ela trabalha em todos os lados da peça (figura 7).

A técnica e a habilidade impressionam; é um trabalho de muita maestria. Não há tornos giratórios ou qualquer outro instrumento utilizado em trabalhos com barro para facilitar ou aumentar a produção, sendo essa sua principal especificidade. É nesse momento que as ideias afloram, a criatividade é aguçada e o intelecto é posto em funcionamento.

Enquanto a mão e o barro vão sendo umedecidos, os dedos mais parecem espátulas que “abrem” os torrões de barro e os transformam em potes, panelas, jarros, abajures, cinzeiros. Portanto, a mão é a extensão desse corpo treinado. Nesse processo, as mãos merecem atenção especial, pois elas não apenas executam as ideias, como também são, sobretudo, instrumentos essenciais para a ação humana (HERTZ 1980). Muito já foi escrito a respeito do poder que nossas mãos carregam em si.

**Figura 7:** Barro bruto se transformando em poema, realizada por uma louceira.

Fonte: Autores, 2018.

A modelagem do barro, pelas louceiras, demonstra muito mais do que uma simples feitura de objetos. Revela o treinamento, o aprendizado, a “técnica”, a memorização de “posturas culturalmente específicas”, transmitidas, mesmo

que não sejam verbalizadas nem conscientemente ensinadas (CONNERTON, 1993). Por isso é comum dizerem que aprenderam sozinhas ou apenas vendo os outros fazerem.

A modelagem é designada assim, pelas mulheres de Chã da Pia, porque a argila amolecida é amparada no chão ou em cadeiras e moldada com as mãos, sem o uso de um torno. É utilizada para a modelagem apenas um pedaço de “cabaça” (*Lagenaria vulgaris*) - (figura 8), um fruto que também conhecido como coité que em do tupi guarani significa “vasilha, panela ou cuia”, também é chamada de cuieira e cuia de árvore.

**Figura 8:** Modelagem da louça com o uso de cabaça, realizada por uma louceira.



Fonte: Autores, 2018

As características da casca dos frutos são perceptíveis no toque, ela é suave, dura, impermeável, assemelha-se a madeira, não é porosa e não apresenta elasticidade. A casca do fruto é utilizada como ferramenta, retirada da própria vegetação ali presente e que auxilia nos contornos mais suaves das panelas confeccionadas.

Com a panela modelada e argila ainda mole é o momento de retirar as impurezas e também o excesso de barro, com uma faca. Após a retirada das impurezas e a panela já modelada (figura 9 - A), enquanto não se encontram secas, a próxima etapa pode ser cumprida como o alisamento (Figura 9 - B), que se configura no polimento dos utensílios com pedras que são encontradas nas beiras dos rios, com texturas lisas, também conhecidas como seixo rolado, mas conhecido na região como “xêxos” ou também são utilizados pedaços de galhos lisos.

**Figura 9 A:** Louça modelada e exposta ao sol para a secagem



Fonte: Autores, 2018

**Figura 9 B:** Louceira fazendo o alisamento da louça com "xêxos"



Fonte: Autores, 2018

Essas práticas são narradas pelas louceiras com um sorriso no rosto. Porque é neste momento que essas mulheres se transformam, junto com a sua arte, elas se pintam e pintam as louças. As louças têm uma forte marca de criação de cada louceira, impressiona sua presença e sua originalidade na produção que ganha fôlego e busca a identificação da comunidade, a riqueza e multiplicidade da cultura local, e que ainda dialoga com a identidade própria.

Fazer louça de barro não é uma atividade que possa ser entendida apenas do ponto de vista comercial. Um olhar mais atento sobre o cotidiano da produção apresenta as visões de mundo, o imaginário, os arranjos sociais, enfim, a arte de quem a faz.

Enquanto modelam seus objetos, as artesãs moldam as próprias vidas, num processo constante de criação e recriação de seu universo cultural particular. O dia obedece a uma continuidade de afazeres que são organizados a partir das suas necessidades, não estando seu tempo subordinado ao relógio, como ocorre na produção industrial urbana.

Apesar de serem conhecidas dentro e fora da comunidade Chã da Pia, como “as louceiras” ou até mesmo “as loiçeirias”, como são autodominadas, essas mulheres não podem ser pensadas como uma categoria só, que denote unidade, pois têm histórias de vida, visões de mundo e interesses diversos, que as impedem de estabelecerem uma identidade única.

## 2.2 IDENTIDADE DO OFÍCIO E CULTURA

A palavra ofício deriva de “officiu” que no latim significa dever, naquele sentido de cumprir com dada obrigação e a partir de um ritual determinado (FERREIRA, 1986). A palavra ofício, representa ainda um certo saber-fazer àqueles que comungam do mesmo conjunto de conhecimentos e habilidades, e são capazes de reproduzir certos objetos e/ou objetivos com base nos mesmos rituais (NETO, 2005).

Essa identidade entre pessoas a partir de fazeres e saberes está presente no interior das sociedades e que trazem os papéis que executam e ao mesmo tempo supre a sociedade daquilo que ela necessita em dado momento histórico. Poderíamos aqui lembrar diversos ofícios de mulheres e homens, uns necessários à humanidade desde as mais primitivas épocas, e outros de que só viemos a necessitar muito recentemente (NETO, 2005).

Existem vários tipos de fazeres (profissões), aqueles que estão dentre as profissões mais reconhecidas no nosso meio (médicos, advogados, engenheiros, professores...) e que são consideradas escolhas e áreas autônomas que permitem a construção de uma carreira. Como também aquelas que tem valor social, mas que as vezes acabam sendo desvalorizadas por falta de reconhecimento da população (trabalhos artesanais).

Quer sejam chamadas de “ofícios”, “vocações” ou “profissões”, essas atividades artesanais não se reduzem à troca econômica de um gasto de energia por um salário, mas possuem uma dimensão simbólica em termos de realização de si. Providas de um nome coletivo (DUBAR, TRIPIER, BOUSSARD, 2011), permitem àqueles que as exercem identificar-se por seu trabalho e serem assim reconhecidos.

Essa dimensão simbólica com a realização do “eu” é observada na comunidade Chã da Pia. Mulheres que exercem esse ofício com prazer, que vem sendo perpassado de geração a geração, gerando uma identidade dessa comunidade. Segundo Dubar (1997) identidade não é classificada como inata, mas sim que ela é construída na infância, e que a mesma se remete como um processo desenvolvido ao longo de toda vida.

Para Silva e Vidal (1995), a sociedade moderna tem buscado cada vez mais a “arte pela arte”, desvinculando os artefatos de outras áreas da vida social. As autoras ressaltam que com a arte indígena e a popular acontece justamente o contrário: não há uma palavra que defina o que chamamos de arte nessas culturas, porque ela não é uma especialidade separada de outros aspectos da vida cotidiana. O seu dinamismo acompanha a dinâmica da própria cultura.

Amorim (2005) reforça esse debate, quando aponta que as palavras “arte, trabalho, ofício, artesanato são equivalentes” e que a classificação dos objetos como “arte ou artesanato nem sempre é a preocupação de seus autores”. Afinal, o artesão não está interessado apenas em criar um “bem econômico”, mas também na execução de “formas úteis e belas”, que irão enaltecer o saber, a habilidade dele e do seu grupo social.



### 3 CONCLUSÃO

Apesar da elevada possibilidade de a tradição das louceiras de barro desaparecer, seja por ausência de políticas públicas que as enxergue como patrimônio cultural e imaterial de um povo, seja pelo desinteresse das gerações mais novas e até mesmo pelas adversidades naturais, as mestras do barro da comunidade Chã da Pia.

A cultura artesanal é algo que está atrelada a prática humana, em que se desenvolve como manifestação de determinado povo. Diante disso a cultura da produção artesanal de panelas de barro e seus demais utensílios é algo que já faz parte da história da comunidade Chã da Pia. No entanto esta prática tem sofrido significativas problemáticas visto que a mesma não tem apreciação pela sua comunidade. Diante do exposto e observado durante a pesquisa, existe uma desvalorização do artesanato das mulheres não somente pela comunidade, como também pelos compradores, pois quando vendida nas mãos dos atravessadores o preço se eleva, quando comprado diretamente nas mãos destas mulheres o preço diminui, ou seja, ainda se tem em plena sociedade dita evoluída a questão da desvalorização do trabalho da mulher.

Conclui-se por tanto que a cultura artesanal é de suma importância, devido seu valor cultural e histórico, em que deveria continuar a passar de geração a geração, no entanto existi uma quebra nessa relação de gerações, pois nem as filhas das louceiras querem aprender a prática e nem suas mães ensinar, pois querem que suas filhas tenham condições de trabalho melhor que as suas. Logo, se esta cultura artesanal tivesse incentivo de ações governamentais, talvez o cenário fosse outro e mais rentável e as condições de trabalho destas mulheres valorizada e melhor.

### 4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALMEIDA, FL., Mulheres recipientes: recortes poéticos do universo feminino nas artes Visuais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 238 p. ISBN 978- 85-7983-118-8.

ALVES, Ângelo Guisepe Chaves. Do barro de loiça à loiça de barro: caracterização etnopedológica de um artesanato camponês no agreste paraibano. Tese de doutorado-UFSCar, 2004, 179 pag.

AMARAL, Liliane Semi. Arquitetura e arte decorativa do azulejo no Brasil. In: Revista belas artes, São Paulo, 2ªed. 2010.

AMORIM, Maria Alice. Artesanato, Tradição e Arte. Continente Documento, ano 3, n.35, 2005.

BARROS, Laís da Silva. Percepção ambiental de um grupo de mulheres loiçeirias da comunidade de chã da pia/areia – PB. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, da Universidade Estadual da Paraíba. Aprovado em 27 de outubro de 2018.

BASTOS, Sandra Nazaré Dias. Etnociências na sala de aula: uma possibilidade para aprendizagem significativa. In: Anais do II Congresso nacional de educação e II Seminário Internacional de representações sociais, subjetividade e educação. Curitiba: PUC. 2013.

BRASIL, Lei 13.180/2015. Dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_Leis.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_Leis.htm)> Acesso em: março de 2023.

BRASIL, Lei 13.180/2015. Dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_Leis.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_Leis.htm)> Acesso em: ago.2020.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, v.2; 1942.

CONNERTON, Paul. Como as Sociedades Recordam. Celta Editora: Oeiras, 1993.

DANTAS, Cármen Lúcia; Fazer Popular: Mestres Artesãos das Alagoas. Maceió: Organização Arnon de Mello, 2ªed. 2015.

DIOGO, Emilli Moreira; GORETTE, Milena da Silva. LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE QUALIDADE. X congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I seminário internacional de representações sociais, subjetividade e educação – SIRSSE. 2011.



- DUBAR, Claude. A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto Editora, 1997.
- DUBAR, Claude; TRIPIER, Pierre; BOUSSARD, Valérie. Sociologie des professions. Paris: Armand Colin, 2011.
- FERREIRA, A.B.H. Dicionário da Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GALIZONI, Flavia Maria; RIBEIRO, Eduardo Magalhães; CARVALHO, Alice Assis; JESUS, Géssica Almeida de; FAGUNDES, Juliana Soares; SILVA, Patrícia Noscilene. Aprendendo com o barro: inovação e saber de artesãs camponesas do Jequitinhonha; Agriculturas; v. 10; n. 3; setembro de 2013.
- HERTZ, Robert. A Preeminência da Mão Direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. In Religião e Sociedade, n.06, 1980, pp 99-128.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas. 2003.
- MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. Antropologia. Uma introdução, São Paulo: Atlas. 2006, 6ª edição.
- MARTIN, G. Pré-história do nordeste do Brasil, 3ª Ed. Universitária UFPE: Recife, 1999.
- MARTIN, G. Pré-história do nordeste do Brasil, 3ª Ed. Universitária UFPE: Recife, 1999.
- MELO, F. P. Risco ambiental e ordenamento do território em Garanhuns-PE. São Cristóvão – SE. Originalmente apresentada como dissertação de doutorado, Universidade Federal de Sergipe, 2016.
- MORIGI, V. J.; ROCHA, C. P. V.; SEMENSATTO, S. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas, n. 14, 2012. Disponível em: < [www4.unirio.br/morpheusonline/](http://www4.unirio.br/morpheusonline/)>. Acesso em 27 fev. 2018.
- MORIGI, V. J.; ROCHA, C. P. V.; SEMENSATTO, S. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas, n. 14, 2012. Disponível em: < [www4.unirio.br/morpheusonline/](http://www4.unirio.br/morpheusonline/)>. Acesso em 27 fev. 2019.
- NETO, Manoel Fernandes de Sousa. O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 249-259, maio/ago. 2005, p. 249.
- PEREIRA, Carlos José da Costa. A cerâmica popular da Bahia. Salvador: Progresso, 1957, 138p.
- PILEGGI, Aristides. Cerâmica no Brasil e no mundo. São Paulo: Livraria Martins, 1958, p. 33.
- SANTIAGO, Rodrigo Girardi. João-de-barro (Furnarius rufus). Biblioteca Digital de Ciências, 08 dec. 2006. Disponível em: <<http://www.ib.unicamp.br/lte/bdc/visualizarMaterial.php?idMaterial=381>>. Acesso em: 02 novembro. 2017.
- SANTOS, Aline Gonçalves dos; SILVA, Jacionira Côelho. História escrita na cerâmica arqueológica. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar, Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI ISBN: 978-85-98711-10-2, 2012.
- SCHAAN, Denise. Os Filhos da Serpente: Rito, Mito e Subsistência nos Cacicados da Ilha de Marajó. Inter. J. South American Archaeol. 1: 50-56, 2007.
- SILVA, Aracy Lopes da; e VIDAL, Lux. O Sistema de Objetos nas Sociedades Indígenas: arte e cultura material. In A Temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Aracy Lopes da Silva e Luis Donisete Benzi Grupioni (orgs). MEC/MARI/UNESCO.
- TYLOR, Edward Burnett. Primitive Culture. London: ay uso. 1871.
- VALLE, Arthur; DAZZI Camila; Portella Isabel. Oitocentos - Tomo III: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ªed. Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il. 600 p.

